

O Relato de Viagem e a Transmissão de Conhecimento Empírico no Século XVI

*Luciana Villas Bôas**

Resumo: Este artigo discute em que medida a forma inovadora do livro de Hans Staden introduzida pelo seu editor, Johannes Dryander, se conforma às condições específicas para a transmissão de conhecimento empírico no século XVI. Remonta a composição do texto etnográfico ao contexto institucional e linguagem conceitual que definia o status epistemológico da viagem, e a colaboração entre viajante leigo e editor culto a um determinado entendimento da relação entre conhecimento experimental e teórico.

Palavras-chave: Relato de viagem. Século XVI. Empirismo. Coleções. Etnografia.

Travel Writing and the Transmission of Empirical Knowledge in the Sixteenth Century

Abstract: This article discusses to what extent the innovative form of Hans Staden's book, introduced by the editor, Johannes Dryander, conforms to specific conditions for the transmission of empirical knowledge in the sixteenth century. It associates the composition of the ethnographic text with the institutional setting and conceptual framework defining the epistemology of travel, and derives the collaboration between lay traveler and learned editor from a certain understanding of the relationship between experimental and theoretical knowledge.

Keywords: Travel Writing. Sixteenth Century. Empiricism. Collection. Ethnography.

* Doutora em Literatura Comparada e Professora Adjunta do Departamento de Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Introdução

Estudos recentes mostraram que a credibilidade das etnografias modernas deriva não somente do trabalho de campo, mas também de estratégias textuais.¹ Consequentemente, a formação da antropologia como disciplina científica no fim do século XIX envolveu, além da institucionalização do trabalho de campo, a separação entre a etnografia e outras formas de escrita. O debate acerca da diferenciação da escrita etnográfica tem se centrado em noções modernas de literatura e ciência, subjetividade e objetividade. Neste ensaio gostaria de estendê-lo ao século XVI através da análise de um livro que curiosamente prefigura a estrutura das etnografias modernas: a *Wahrhaftige Historia* de Hans Staden (Marburg, 1557).²

Um dos traços mais notáveis do livro de Hans Staden é a sua forma. A sua divisão em uma narrativa pessoal, a *Historia*, e uma descrição impessoal, o *Bericht*, foi interpretada no contexto da crítica pósmoderna como evidência de continuidade direta entre a tradição do relato de viagem e a escrita etnográfica moderna (PRATT, 1986, p. 35). Reconheço a semelhança entre a forma textual do livro de Staden e aquela das etnografias modernas, mas discordo da interpretação desta semelhança como uma tradição discursiva ininterrupta. Antes, creio que o problema suscitado pela composição do livro de Staden é o que devemos fazer desta divisão entre narrativa e descrição num contexto que Lorraine Daston (1991, p. 337) chamou de pré-história da experiência objetiva, i.e., antes que “métodos” fossem codificados e indivíduos se tornassem subjetividades modernas. Se a fronteira disciplinar pela qual a etnografia moderna se separa da escrita de viagem só se estabeleceu no início do século XX, qual é o arcabouço conceitual e o cenário institucional subjacentes à divisão do livro? Como o texto etnográfico se conforma

¹ Como exemplo da correlação entre teoria literária e texto etnográfico, veja Clifford, James e Marcus (1986). Para uma visão crítica da abordagem pósmoderna do texto etnográfico, veja Geertz (1988).

² Hans Staden, *Wahrhaftig Historia und beschreibung einer Landschaft der Wilden/Nacketen/Grimmigen Menschenfresser Leuthen/ in der Newenwelt gelegen*. Marburg: Andreas Kolbe, 1557. [The New York Public Library, *KB 1557]. Todas as citações do livro de Staden referem-se a esta edição e serão feitas entre parênteses no texto e traduzidas por mim para o português.

às condições e práticas específicas da transmissão de conhecimento empírico no século XVI?

Longe de representar uma instância típica da literatura de viagem, o livro de Staden integra, junto com os livros de André Thevet (Paris, 1557), Jean de Léry (Genebra, 1578), e Fernandez de Oviedo (Madrid, 1535), o conjunto das primeiras etnografias sobre a América a serem publicadas na Europa (CAMPBELL, 1999, p. 27). Embora todas incluam uma abundância de informações etnográficas, o livro de Staden, em virtude da sua forma de apresentação, destaca-se das demais. Enquanto os livros de Thevet, Léry e Oviedo são entremeados de observações etnográficas, o de Staden é o único a oferecer uma descrição etnográfica sistemática, destacada discursiva e tipograficamente da narrativa.

Os estudiosos da literatura de viagem do século XVI atribuem a peculiaridade do livro de Staden à intervenção do editor, Johannes Dryander, professor de astronomia e medicina na universidade de Marburg, e afirmam que reflete a preocupação humanista com a sistematização de conhecimento empírico no âmbito de um discurso enciclopédico.³ Segundo Neuber (1991), por exemplo, a composição do texto etnográfico de Staden seria um exemplo *avant la lettre* da *ars apodemica*, i.e, de métodos para viajantes, publicados a partir da década de 1570. Esses métodos aspiravam à sistematização de conhecimento experimental recomendando aos viajantes esquemas descritivos formados por um conjunto de *loci communes* (STAGL, 1995). Contudo, a comparação da descrição etnográfica de Staden com outras formas de transmissão de conhecimento – tais como cosmografias, coleções de viagem e anatomias ilustradas – indica que a intervenção culta de Dryander não visa à integração entre conhecimento antigo e novo sob um paradigma enciclopédico. Neste ensaio, descrevo como a colaboração inusual entre viajante e professor, bem como a forma textual em que

³ O termo “enciclopédia”, no sentido que lhe emprestamos, costuma ser associado ao *Encyclopédie* de Diderot e d’Alembert (a partir de 1751). Contudo, embora a noção de compêndio de conhecimentos diversos exista desde a Antiguidade, o termo é introduzido na Europa no século XVI. Aqui eu o emprego para fazer referência ao conjunto de gêneros que proliferam a partir da Alta Idade Média e atingem seu apogeu no século XVI sob a rubrica de “cosmografia” ou “crônica”.

culmina, precisa ser remontada a um determinado entendimento da relação entre conhecimento experimental e teórico que associa o registro escrito e a coleção de viagens com o cálculo de corpos celestes e a prática de dissecações do corpo humano.

Em primeiro lugar situo a intervenção de Dryander como editor do livro de Staden no contexto institucional e conceitual que definia a epistemologia da viagem no século XVI. Partindo do conceito de cosmografia, comento a distinção entre modelos matemáticos e experimentais de se apreender o espaço no Renascimento. Traço em seguida a posição de Dryander como professor universitário à luz das fronteiras disciplinares tradicionais e das novas abordagens da natureza, de modo a explicitar as premissas de sua autoridade como editor de um livro de viagem. Por último, reflito sobre a “modernidade” do livro de Staden e a forma de empirismo, historicamente específica, que encerra.

Cosmografia vs. topografia

Em sua longa introdução, Dryander explica que editou o livro de Staden movido pelo prazer que lhe dão “histórias relacionadas à matemática” (A3j^A). Esta afirmação remete diretamente ao vocabulário conceitual e disciplinar que define a epistemologia das viagens no século XVI. A noção de “cosmografia” como campo da matemática estava inscrita na estrutura disciplinar das *septem artes liberales* (sete artes liberais), as quais abrangiam o *trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música).⁴ Ao longo de toda a Idade Média, a “cosmografia” foi concebida como um campo particular da astronomia, i.e., uma das disciplinas que formavam o *quadrivium*. Enquanto uma subclasse do *quadrivium*, o conhecimento geográfico era subordinado à representação matemática, abstrata, do espaço e servia principalmente para esclarecer questões de filosofia natural relativas à constituição do cosmos, à teoria dos quatro elementos, ou à divisão da terra em zonas climáticas (KÄSTNER,

⁴ Note-se que o termo “matemática” abarcava astronomia, astrologia e geometria esférica. Veja Bauer (2000, p. 335).

1984, p. 507). Na medida em que determina que as viagens sejam subsumidas a uma representação matemática, abstrata do espaço, i.e., à astronomia, esta concepção tradicional de geografia define o contexto em que Dryander, professor de astronomia, invoca o seu pendor por “histórias relativas à matemática” para aceitar a tarefa de editar o livro de Staden.

Contudo, o uso que Dryander faz do conceito de cosmografia, além de envolver cálculo matemático, concerne também à “descrição e mensuração de paisagens” (“beschreibung und abmessung der Landtschafften”), assim como a relatos de viagem (“wegefahrten”). Esta concepção do conhecimento cosmográfico como algo que envolve tanto o cálculo quanto a viagem é característica da geografia no Renascimento. O florescimento da cartografia e a disseminação de compêndios geográficos no século XVI foram profundamente marcados pela redescoberta da *Geografia* de Cláudio Ptolomeo. Edições ampliadas e revistas por humanistas garantiram à *Geografia* um papel central na literatura geográfica e na produção de mapas (BROTTON, 2000, p. 35-48; BUISSERET, 2003, p. 10-28). Ptolomeo fazia uma distinção entre os princípios matemáticos abstratos necessários para a projeção de *mappae-múndi* e o conhecimento necessário para a elaboração de mapas locais.⁵ De acordo com a sua terminologia, a “geografia” descreve o mundo como um todo, ao passo que a “topografia e a corografia” tratam de especificidades da superfície terrestre.⁶

Apesar de conservarem a distinção ptolmaica entre um modelo matemático e empírico de apreensão do espaço, e de alardearem a expansão do seu conteúdo topográfico novo, os compêndios geográficos do século XVI, seja o *Weltbuch* de Sebastian Franck (Tübingen, 1534) ou a popularíssima *Cosmografia* de Sebastian Münster (Basiléia, 1544), atinham-se a um formato enciclopédico. Ao abranger “todos os países”, através de “todo o mundo”, e convidar os seus leitores para uma *tour* da

⁵ A concepção ptolomaica de geografia como uma “ciência cumulativa, parcialmente descritiva e não abstrata” foi determinante para a capacidade de edições renascentistas da *Geografia* lidarem com novos materiais empíricos. Veja Grafton (1992, p. 48-54).

⁶ Sobre a distinção de Ptolomeo tal como citada na primeira edição alemã da *Cosmografia* de Sebastian Münster's (1545), veja Jahn (1993, p. 256).

gênese do mundo à diversidade da criação, essas pesadas compilações passavam ao largo de detalhes concretos de experiências particulares de espaço. Como afirma Findlen (1996, p. 96), “o discurso enciclopédico via o presente principalmente como um meio de iluminar o passado e aderir à cultura experimental meramente como outra forma de provar o que já se sabia”.

O livro de Staden, diferentemente, conforma-se não com o modelo das cosmografias, mas como princípio organizador das coleções de viagem. Como Richard Haklyut, editor da primeira coletânea inglesa de viagens expressaria, Dryander, “referiu cada viagem ao autor, cuja pessoa a realizou e registrou por escrito” (HAKLUYT [1589], 1927, p. 6). Em evidente contraste com as cosmografias, as coleções de viagem eram compêndios restritos tematicamente e, por definição, inacabados, *open-ended*. Cabe ressaltar que ao privilegiar o modelo das coleções ao invés daquele das cosmografias, a prática editorial de Dryander converge com a de outros médicos–editores que o precederam no mercado editorial alemão.⁷ As coleções de viagem traduzidas para o alemão por Jobst Ruchamer e Michael Herr destacam-se por afirmar a novidade radical dos relatos em relação às autoridades textuais antigas e afastam-se do viés cosmográfico dos originais. As edições italiana e latina que lhes serviram respectivamente de base justificam o conhecimento adquirido em viagens por fornecer subsídios para esclarecer antigas questões da filosofia natural relativas à forma da terra e sua divisão em zonas climáticas. Ruchamer não somente traduz, mas também atualiza o seu material, incluindo a notícia das mais recentes expedições portuguesas. Herr introduz uma distinção inédita entre o “Novo Mundo” e as descrições desbotadas do “velho” (“*Altweltbeschreiber*”).

Mas enquanto esses médicos-editores ganharam reputação fora da universidade em verdadeiras metrópoles da imprensa, Dryander seguiu a carreira de professor de medicina e astronomia na universidade de Marburg. Diferentemente de seus colegas, não adota uma retórica da novidade e recusa-se a admitir o seu espanto seja diante do viajante ou

⁷ Jobst Ruchamer, *Neue unbekante landte und eine neue weltte in Kurtz vergangner zeyt erfunden* (Nuremberg: Stuchs, 1508) e Michael Herr, *Die New Welt der landschaften und Insulen* (Strasbourg: 1534).

dos Tupinambás. Embora a sua edição do livro de Staden assuma uma forma ainda mais inovadora, os argumentos que apresenta para justificar-se remontam às fronteiras de uma organização disciplinar tradicional.

Astronomia vs. Anatomia

Dryander se arrogará o direito de determinar a “verdade integral” da viagem de Staden do seu conhecimento matemático dos corpos celestes. Ao invocar a infalibilidade das predições matemáticas, argumenta que somente aqueles iniciados nas sete artes liberais poderiam estabelecer o sentido e atestar a verdade de um relato de viagem ao Novo Mundo. Ao traçar uma separação estrita entre leigos e eruditos, Dryander transforma a distinção disciplinar tradicional entre um modelo matemático e empírico – entre astronomia e geografia – em um argumento que confere ao astrônomo a prerrogativa de estabelecer a verdade sobre o relato de viagem. A experiência não é apenas incerta, mas subsidiária à teoria, relegada a confirmar o que proposições matemáticas prevêm com séculos de antecedência. Portanto, é a sua capacidade de calcular a posição dos corpos celestes que confere a Dryander a autoridade para confirmar a veracidade de uma experiência do Novo Mundo.

Como o “homem comum,” Dryander jamais pôs os pés no Novo Mundo, mas, à diferença dele, está na posição de reunir as partes fragmentadas e incertas da experiência do viajante em um todo verdadeiro. Um mapa dobrado no interior do livro de Staden permite ao olho treinado cartograficamente ler as coordenadas e graus para projetar a localização exata do Brasil num mapa-múndi convencional. Transformado em uma “história relativa à matemática”, o relato é subsumido ao ponto de vista abstrato, geometricamente unificado do cosmógrafo. O restante do livro salta de uma visão teórica global para a experiência e etnografia inéditas de um povo que, segundo Dryander, vive sem “roupa, camas, porcos, cerveja ou vinho” (“Bette/ Pferde/ Schwein oder Ruhe/ noch Wein oder Bier”, 7; B)^B.

O texto etnográfico parece inspirar-se em práticas de observação constitutivamente distintas daquelas adotadas pelo astrônomo. Dryander abandona a perspectiva do cosmógrafo-matemático para adotar a perspectiva do topógrafo-anatomista. Como escreve Daston (1991, p. 355), apesar da preeminência do conhecimento teórico sobre o empírico abranger todas as áreas, “havia uma gradação na indiferença relativa dos anatomistas em relação ao *esprit de système* dos astrônomos”. Pode-se acrescentar que, empenhados na aquisição de conhecimento empírico, a mão errante do anatomista e os cálculos matemáticos do astrônomo, fornecem modelos discrepantes. A passagem de um a outro diz respeito à relação estreita entre viagem e anatomia no século XVI.

Como já disse anteriormente, Dryander era professor de astronomia e medicina, além de escritor prolífico. Ao longo da sua carreira longa e bem sucedida, escreveu tratados sobre o astrolábio e outros procedimentos e instrumentos, cuja aplicação demonstrava o elo entre astronomia e cartografia. Foi um dos primeiros médicos na Alemanha a realizar dissecações públicas e empregar extensivamente ilustrações anatômicas em seus livros (DRYANDER, apud LIND, 1975, p. 297). Publicou uma anatomia da cabeça (*Anatomia capitis humani* - Marburg, 1536), baseada em dissecações que ele mesmo executou, e logo em seguida uma anatomia contendo ilustrações originais (*Anatomia hoc est corpori humani dissectionis pars prior* – Marburg, 1537).

A curiosidade de Dryander voltava-se da superfície da terra e dos planetas para as entranhas do corpo humano, da predição astronômica à prática da dissecação. Alcofribas, personagem de François Rabelais, que viajou por seis meses dentro do corpo prodigioso de Pantagruel, é movido por uma curiosidade semelhante. Ao penetrar o interior do corpo de Pantagruel como um viajante que atravessa Constantinopla, a percepção de Alcofribas da anatomia do gigante confunde-se com a descrição de uma paisagem.

Mais o dieux et deesses, que veiz je lá? Jupiter me confonde de sa fouldre trisulque si j'en mens. Je y cheminoyz comme l'on faict en Sophie à Constantinoble, et y veiz de grands rochiers, comme les mons des Dannoys, je croy que c'estoient ses dentz, et de grands prez, de grandes forestz, de fortes et grosses villes non moins grandes que Lyon ou Poitiers (RABELAIS, 1994, p. 331).

Ao virar o corpo de Pantagruel pelo avesso e descrever os órgãos internos como lugares específicos, Alcofribas funde a linguagem topográfica com a revelação anatômica da fisiologia do gigante. O elo que se estabelece entre viagem de exploração e dissecação anatômica resulta da mobilidade do viajante e do uso da narrativa de primeira pessoa.

Os livros de Rabelais e Dryander demonstram um vínculo estreito entre os procedimentos descritivos da cartografia e da anatomia. Este vínculo torna-se visível nas ilustrações dos livros de anatomia de Dryander em que são retratadas partes do corpo humano rodeadas pelo cenário de uma paisagem. Nestas imagens estabelece-se um *continuum* entre corpos, cidades e paisagens a serem observadas e descritas e assim supõe-se um modelo para a apreensão do espaço que é experimental e topográfico, derivado não da perspectiva do cosmógrafo, mas do viajante. Mas há uma diferença crucial entre o personagem de Rabelais e o editor de Hans Staden. Enquanto Alcofribas é um alquimista que registra sua experiência de signos naturais ao longo do percurso de sua viagem, Dryander é um professor universitário para quem experiência, por definição, não é “adequada em si mesma, mas requer um arcabouço intelectual particular para dotá-la de significado” (FINDLEN, 1996, p. 157). Dissecações são dotadas de sentido somente à luz de uma determinada tradição textual; conhecimento topográfico interessa por oferecer “histórias relacionadas à matemática”.

Quando se consideram as formas materiais de transmissão, e não apenas os textos estabelecidos por seus leitores modernos, fica evidente que a transmissão de novas observações empíricas, condicionada pelo *bias* teórico das disciplinas, era frequentemente marcada pela

discrepância entre as implicações epistemológicas e o discurso que as encerrava e legitimava. A primeira edição do trabalho *De revolutionibus orbium coelestium* (Nürnberg, 1543) de Copernicus é exemplar neste sentido. Um preâmbulo anônimo dirigida ao leitor reafirma a divisão epistemológica tradicional entre filosofia natural e astronomia de modo a impedir qualquer atribuição de uma realidade física às proposições matemáticas de Copérnico.⁸ De modo semelhante, a representação anatômica do corpo humano baseada na realização de dissecações em Andreas Vesalius' *De humani corporis fabrica* (Basel, 1543) de Vesalius é, a despeito de sua novidade, apresentada como ilustração de cânones textuais (SIRAISI, 1999, p. 90-97).

É justamente o papel de astrônomo/cosmógrafo que permite a Dryander abraçar o papel de colecionador – conservar e sistematizar – com espanto e curiosidade as experiências do viajante. Legitimada pela hierarquia tradicional das disciplinas, a edição de Dryander estabelece um modelo textual que redefine tanto o papel do viajante escritor quanto o do humanista colecionador. Como editor, a tarefa de Dryander assemelha-se a de um colecionador de *maravilhas*,⁹ que “formaliza o significado da viagem peneirando relatos e objetos que chegam aos seus museus, oferecendo uma síntese crítica que poucos viajantes poderiam sonhar alcançar” (FINDLEN, 1996, p. 162).

O texto etnográfico

A organização geral e o quadro conceitual do *Bericht* demonstram a formação humanista de Dryander. Espelham não apenas a composição da *História Natural* de Plínio o velho, um dos modelos mais influentes

⁸ Sobre como o autor do prefácio, Andreas Osiander, invoca fronteiras disciplinares para demonstrar a impossibilidade de o astrônomo tirar conclusões físicas de premissas geométricas, veja Westman (1980, p. 108-109).

⁹ Nas línguas germânicas a palavra *wunder*, do indo-europeu *uen* (ou “desejo”), designa tanto uma determinada emoção quanto o objeto que a provoca; já em latim os termos correspondentes são *admiratio* para designar uma determinada atitude cognitiva e *miracula* e *mirabilia* para designar os objetos que lhe dão origem. Aqui traduzo-os respectivamente como espanto, milagres e maravilhas. Vale notar que a partir da alta Idade Média desenvolveu-se a distinção ontológica entre *mirabilia* e *miracula*, segundo a qual maravilhas são definidas como efeitos naturais que somos incapazes de compreender e milagres como eventos produzidos exclusivamente pelo poder de Deus. Veja Bynum (1997, p. 3).

de coleção, mas também as rubricas sob as quais as informações etnográficas são armazenadas podem ser traçadas de volta ao repertório clássico antigo de categorias descritivas, especialmente às *Histórias* de Heródoto. À exceção de algumas categorias talhadas para refletir particularidades dos Tupinambás e da omissão de ritos funerários, cada subdivisão do *Bericht* corresponde a uma categoria etnográfica antiga, disseminada pela tradição.

Contudo, é notável como o uso de Dryander do legado clássico se distingue da atitude humanista convencional *ad fontes*. Ao contrário de outras descrições dos habitantes do Novo Mundo publicadas no mesmo período, repletas de citações extraídas de cânones clássicos que tratam de culturas exóticas, o *Bericht* não contém qualquer invocação de autoridades textuais para corroborar as informações etnográficas que transmite. Independentemente de confirmar, negar ou questionar as citações, a referência aos clássicos servia convencionalmente para validar o conhecimento em questão assimilando-o ao rol de autoridades textuais. Diferentemente dos livros ilustrados de anatomia, nos quais o conhecimento adquirido através da prática da dissecação humana é apresentado como ilustração ou demonstração de cânones antigos, o *Bericht* abstém-se de apresentar modelos antigos como evidência textual. Deste modo, exacerba a tendência de médicos–editores que justificavam suas coleções de relatos do Novo Mundo como um fim em si mesmo, enfatizando que a experiência dos viajantes ultrapassava as fronteiras do conhecimento clássico. Voltado não para a sua integração com legados clássicos, mas para o isolamento e a investigação focada dos Tupinambá, o *Bericht* depende da colaboração estreita entre viajante e acadêmico.¹⁰

Embora o tema da viagem inicie tanto a narrativa de viagem quanto a descrição etnográfica, nesta última aparece destacada da experiência pessoal do viajante e reformulada em termos gerais. Enxuta, de modo a servir somente como um quadro localizado no início e fim

¹⁰ O arcabouço conceitual derivado do conhecimento humanista de Dryander discrimina, mas não determina os “costumes” incorporados ao texto etnográfico, haja vista a inclusão de rubricas para descrever práticas peculiares aos Tupinamba. Portanto, a transformação dos Tupinamba em objeto etnográfico claramente implica a colaboração entre o médico e o viajante.

da descrição etnográfica, o tema da viagem confere validade ao *Bericht* como conhecimento empírico calcado na experiência do viajante. Mas se a pessoa que vê e narra é presumivelmente a mesma, o objeto focalizado claramente mudou da relação estreita do viajante com os nativos durante o seu cativeiro (*Historia*) para os Tupinambá e suas formas de vida peculiares (*Bericht*). Se a perspectiva da qual se vêem as coisas permanece a mesma (o viajante), o meio lingüístico passa da narração à descrição. Em que medida a descrição altera a relação entre quem vê, o viajante, e o que é visto, os Tupinambás?

A dicção do *Bericht* traça distinções onde supõe que seus leitores não as reconhecem. Embora não haja paredes demarcando fisicamente os espaços dentro das ocas, há uma divisão socialmente implementada e enquanto tal perceptível: “a cabana é toda aberta na parte de dentro, ninguém tem um quarto fechado para si, cada parte, homem e mulher, tem um espaço nas cabanas.” (“die hütte is alle offen inwendig/ es hat keyner keyn sonderlich zugemacht gemach/ eyn yedes parteien man und weib/ hat eynen raum/ in der hütten”, II 6; p iij^B). A mesma fórmula empregada nesta discriminação entre espaço arquitetônico e divisão cultural do espaço – a negação “kein sonderlich zugemacht gemach” e seguida então da afirmação “eyn yedes parteine [...] hat eyen raum” – reaparece em descrições de temas polêmicos relativas à forma de governo, lei e religião entre os índios. O capítulo “Que tipo de governo e ordem possuem para com a autoridade e as leis” (“Was für regiment und ordnung sie haben mit der Obrigkeit und rechten”) obedece o princípio de determinar a diferença *ex negativo*, os Tupinambás não têm “especialmente nenhum governo ou lei” (“Sie haben sonderlich keyn regiment oder recht”) para então asseverar em termos positivos o tipo de autoridade que possuem. (II 16; qiii^B)

A afirmação de que o chefe de cada oca é o equivalente de um “rei” (“künig”) não só é apresentada cuidadosamente como o resultado de uma determinada percepção (“sonst habe *ich* keyn sonderlich recht under jnen *vernommen*”), mas também subsequentemente explicada pelos elementos nos quais reside a autoridade política, “von eynem stam/ eyns

gebiets unnd regiments” (“mesmo parentesco, território, e governo”). A atribuição de autoridade política ao chefe Tupinambá (“oberste”) e a visão de que cada oca constitui um domínio, um “reino”, refuta uma útil e duradoura tópica das letras coloniais de que os índios “nam tem Fe, nem Ley, nem Rey” (GÂNDAVO, 1984, p. 33-34). Se é verdade que outros textos retratam a sociedade dos Tupinambás como internamente harmônica, o *Bericht* distingue-se dos demais por conferir aos índios uma organização política e territorial própria.¹¹

O polêmico tema da nudez dos índios é o melhor exemplo da linguagem paratática do *Bericht*. Esta instância emblemática de uma projeção *ex negativo* de percepções culturais européias é confirmada, “todos andam nus” (“Sie gehen alle nacket”; II; qj^A), em seguida, negada, “disfarçam-se a si mesmos com pintura” (“sie verstellen sich selbst mit vermalen”, II; qj^A). Além disso, – à diferença de outras etnografias escrita na mesma época – a “nudez” dos Tupinambá não sinaliza ausência de pecado (como a nudez dos adamitas) ou vergonha (criaturas possuídas pelo demônio). Representados como sendo nem monstruosos ou esplêndidos, mas sinalizando a diferença entre indivíduos e ocasiões, os corpos decorados expressam maturidade e riqueza, anunciam guerra e relacionam-se à concessão de nomes. Se fôssemos expressá-lo na sua sintaxe característica, poderíamos dizer que o *Bericht* afirma que os Tupinambás andam nus e têm adereços. Dificilmente uma projeção *ex negativo* do observador, seus corpos não são despídos, mas literalmente, *vertellt* (disfarçados) and *vermalt* (pintados), cobertos de significados próprios.

Da perspectiva do *Bericht*, os Tupinambás não são preternaturais (para além da natureza) ou monstruosos, mas “gleich wie die leut hie zu lande” (“iguais às pessoas aqui do país”) perfeitamente comparáveis e naturais. Enfatizando, por um lado, a sua novidade como objeto e, por outro, ruptura com a tradição clássica, o *Bericht* concebe os Tupinambás como “seltsam,” i.e., estranhos e raros, mas passíveis de conhecimento.

¹¹ Jean de Léry ([1580] 1994, p. 439), por exemplo, alude retoricamente àquilo “qu'on peut appeler loix et police civile,” somente para afirmar que os índios são conduzidos exclusivamente pela sua própria “natureza”.

A mediação textual e o deslocamento do espanto

Tipográfica e discursivamente diferenciado como uma unidade semântica, a descrição etnográfica é o lugar onde a narração é suspensa, de modo que informações especialmente relevantes possam ser condensadas, “met en conserve” (HAMON, 1972, p. 48) Inserida na narrativa de um romance, a descrição pode servir de dispositivo mnemônico e organizador, mas a sua delimitação semântica em um “livro” à parte leva-nos a indagar quais seriam a sua função e justificativa correspondentes. Tratados retóricos clássicos por esta razão prescreviam descrições como unidades independentes, subordinando seu uso a propósitos narrativos (GENETTE, 1969, p. 57). Neste sentido, é significativo que o material prefatório do livro de Staden forneça uma justificativa para a *Historia* e nenhuma para o *Bericht*. Interpretada como uma narrativa de salvação miraculosa, a *Historia* é associada à história providencial, atendendo desta forma às restrições impostas à imprensa pela reforma principesca na Hésia (VILLAS BÔAS, 2004, p. 185-187). Se a justificativa do livro de Staden refere-se apenas à *Historia*, deixando o *Bericht* etnográfico fora do seu escopo religioso e político, qual a função e o contexto a que poderíamos remontar o trabalho do médico-editor de partir em dois a estrutura do livro de Staden?

Apesar de semelhante à moderna separação entre narrativa de viagem e descrição etnográfica, não se pode tomar a divisão do livro de Staden como uma estratégia discursiva de objetividade. Embora o componente narrativo seja praticamente banido da descrição, a presença mediadora do viajante não é totalmente eliminada. Ao contrário do etnógrafo moderno, constrangido a refugiar-se na introdução, o etnógrafo enquanto viajante precisa figurar no *Bericht*. O viajante não pode altivo retirar-se da etnografia; ele precisa, como Alcofribas viajando dentro de Pantagruel, inscrever-se no corpo (descrito) do outro.¹²

¹² Se lermos a escrita etnográfica moderna e pós-moderna como respostas mais ou menos confiantes na (im) possibilidade de eliminar a pessoa do observador, devemos ler o *Bericht* como atendendo à necessidade de deixar traços retóricos da pessoa do viajante.

O *Bericht* pode estar textualmente separado da narrativa, mas epistemologicamente permanece sendo uma *historia*, o relato de singularidades, e não *scientia*, definida como conhecimento certo e demonstrável. Explicitamente isolado do conhecimento estabelecido sobre outras culturas passadas ou presentes, o *Bericht* não se presta a corroborar ou refutar uma teoria geral da natureza humana, comportamento ou diversidade cultural. Embora padronize tanto o observador – em autor confiável – e o objeto observado – em alteridade inteligível – o formato do livro não é enciclopédico, dedicado a reconciliar curiosidade e autoridade textual. Se o livro de Staden atesta uma promoção notável do papel do viajante, esta não se dá através da transgressão de fronteiras disciplinares e institucionais. Pelo contrário, é a reafirmação destas fronteiras no material prefatório do livro que torna o conhecimento derivado da colaboração inusual entre viajante e professor universitário socialmente aceitável.

A mediação textual das viagens de Staden não somente discrimina entre formas epistemologicamente distintas de apreender o espaço e o seu cenário institucional mas também combina a representação de fenômenos ontologicamente distintos, divinos na *Historia* e naturais no *Bericht*. Em seu prefácio, Dryander interpreta a volta do viajante à Alemanha como um evento miraculoso, e apresenta a narrativa como testemunho de uma salvação exemplar. Como portador de conhecimento certo e demonstrativo, Dryander admite sua admiração ou espanto em relação a um evento “sobrenatural” mas reluta em reconhecer a estranheza, quem dirá espanto de suas duas descobertas “naturais”: o viajante e os Tupinambá.

Contudo, num ponto crucial do prefácio, Dryander deixa entrever que o viajante recém-chegado torna-se objeto de espanto da elite local. Examinado e interrogado sobre a sua viagem inaudita, mantido sob vigilância e levado pelo médico erudito à “presença” (“Gegenwart”) do príncipe, Felipe da Hédia, e outras autoridades, passa a integrar o circuito que ligava a corte, a universidade e a tipografia. Embora a descrição do interrogatório do viajante omita os detalhes que explicavam

a visão incomum do mercenário que passara nove anos entre “selvagens” Tupinambás, marca o contraste entre o viajante exibido para a *entourage* da corte e o autor oficialmente reconhecido pela universidade e o príncipe. Na medida em que é removido do corpo do viajante, o espanto é transferido para o corpo do texto. A reintegração do viajante não culmina na dissipação da *admiratio*, mas coincide com a sua mediação textual e a sua recontextualização em matérias distintas do livro. Como observa Bachelard (1968, p. 108) “On ne se détache pas du merveilleux quand une fois on lui a donnée sa créance, et pendant longtemps on s’acharne à rationaliser la merveille plutôt qu’à la réduire”.

Enquanto a “história miraculosa” do retorno do viajante torna-se objeto inequívoco de admiração, o status ontológico dos Tupinambás, entre os quais viveu o viajante, parece ser de outra ordem e apenas indiretamente reconhecido. Diferentemente da imagem pavorosa evocada pelo título do livro, Dryander refere-se aos Tupinambás como “estranhos” (“frembd”) e incomuns (“unbreuchlich”) mas todavia “algo natural” (“naturliche ding”). Enquanto a interpretação dos eventos da *Historia* como miraculosos garantem a reintegração do viajante à comunidade político-religiosa da Hédia, o propósito da etnografia permanece incerta.

Após dar uma série de exemplos de fenômenos que, embora incríveis aos homens comuns, são verdadeiros, Dryander faz uma súbita pausa e refere o leitor a uma coleção de maravilhas e prodígios escrita por seu colega Caspar Goldtwurm, então tutor e pregador na corte de Marburg (8; B2j^A). Dryander parece particularmente interessado na divisão temática do livro de Goldtwurm’s que abrange “milagres, maravilhas, e paradoxos.” A formulação de Dryadner corresponde grosso modo ao conteúdo do livro de Goldtwurm: enquanto as sessões intermediárias são dedicadas a maravilhas dotadas de *explicações* naturais, o início e fim do tratado expressam claramente uma estrutura escatológica.¹³

¹³ Claramente motivado pelo fim iminente do mundo, o tratado de Goldtwurm reflete o teor pocalíptico de várias coleções de maravilhas e prodígios de meados do século XVI, como, por exemplo, a Crônica de Conrad Lycosthenes.

Se levarmos em consideração o caráter da mediação textual do livro, o empenho de Dryander em apresentar os seus conteúdos como sendo verdadeiros e naturais, a referência à coleção de maravilhas de Goldwurm torna-se ainda mais surpreendente. Sugere, penso, duas possíveis respostas à divisão do livro de Staden, à separação entre a *Historia* e o *Bericht*. Em contraste com a naturalização dos Tupinambás alardeada no *Bericht*, Dryander parece aqui inscrevê-los num contexto de acentuado efeito emocional e indiretamente reconhecer os Tupinambá como objeto de espanto (*admiratio*), ao invés de apenas estranhos e raros (8; B2 j^A). A referência ao *Wunderwerk* de Goldwurm, seja como contexto ou evidência para o livro de Staden, alude à possibilidade de uma interpretação dos Tupinambás como portento, o que os reinvestiria de um significado teológico. A referência a Goldwurm não apenas compensaria o isolamento e a ausência de uma interpretação teológica, mas transformaria a descrição etnográfica em *ancilla narrationis*, subordinada à justificativa da *Historia* de Staden.

Contudo, a alusão de Dryander a um livro de maravilhas como contexto ao livro de Staden pode ser relacionada não apenas à expressão de uma ansiedade causada pela falta de uma interpretação teológica do *Bericht*, mas também à natureza específica do empirismo praticado no século XVI. A anatomia que Dryander faz das viagens de Staden discrimina, como a coleção de Goldwurm, entre maravilhas divinas, i.e. milagres (o testemunho de salvação na *Historia*) e naturais (a habitabilidade das antípodas e a etnografia dos Tupinambás). Os conteúdos heterogêneos do livro corresponderiam, portanto, à distinção ontológica entre maravilha natural e divina.

Na medida em que enfatiza a heterogeneidade do seu conteúdo, a organização do livro de Staden conforma-se à prática de colecionar fenômenos estranhos e novos (naturais, sobrenaturais e preternaturais) que não se subsume a um mesmo arcabouço – escatológico, enciclopédico, ou universal.¹⁴ Na medida em que a citação de Dryander a Goldwurm enfatizaria o hiato, a descontinuidade entre o *Bericht* e a *Historia*, o

¹⁴ Para um apanhado dos estudos recentes sobre espanto e curiosidade do Renascimento ao Esclarecimento, veja Marr (2006, p. 1-20).

princípio organizador do livro corresponderia ao modo de armazenar e exibir conhecimento empírico característico das *Wunderkammern* ou gabinetes de maravilhas. Pois as *Wunderkammern* destinavam-se não a integrar o conhecido e desconhecido, mas antes a privilegiar o estranho, o novo e extraordinário; pretendiam-se não enciclopédicas, universais, mas um aglomerado de itens ontológica e epistemologicamente distintos.¹⁵

Podemos enxergar na citação de Dryander a Goldwurm, do médico da universidade ao pastor da cômte, o esforço para restituir o texto etnográfico de significado teológico e censurá-lo tacitamente como um fim em si mesmo, destacado da narrativa. Mas também podemos enxergar nesse gesto um modelo especificamente pré-moderno de colecionar experiências e ponderar as implicações de cada uma das alternativas. Se adotarmos a primeira opção, nossa interpretação do gesto de Dryander coincidiria com uma determinada narrativa histórica do período segundo a qual a religião governava todas as esferas sociais. Teríamos que subsumir o empirismo propagado dos humanistas do século XVI ao paradigma enciclopédico, universalista e também abrir mão da diferenciação discursiva da etnografia e a sua consequente falta de justificativa, ou seja, aquilo que gerou a ansiedade do médico-editor.

Se, ao contrário, insistíssemos em analisar a forma peculiar do livro de Staden, poderíamos tomá-la como uma evidência da diversidade das formas de empirismo praticadas no período. A existência do modelo da *Wunderkammer*, que acentuaria a diferença entre o conhecido e o novo, explicaria a mediação textual dos Tupinanmbás não como monstros ou portentos, mas, a um só tempo, espantosos (*Wunder*) e inteligíveis (curiosidade). A coexistência, ou melhor, predominância de um modelo enciclopédico e homogeneizante voltado para a integração entre conhecimento novo e antigo condicionaria a referência à coleção escatológica de maravilhas de Goldwurm.

Diante da suspeita pós-moderna em relação à exclusão do componente da viagem da descrição etnográfica e da tendência de

¹⁵ Para um entendimento da *Wunderkammer* como corporificação de um paradigma universal, veja Findlen (1996, p. 55). Para um entendimento da *Wunderkammer* como corporificação de formas específicas de empirismo praticadas no período, veja Daston (1988, p. 453) e Park e Daston (1998, p. 272).

postular a etnografia como subsidiária a narrativas, inexoravelmente alegóricas (de desejos coloniais e subjetivos), e potencialmente corrompidas, é alentador notar que a reação esboçada por Dryander à divisão do livro pressupõe que o sentido da descrição etnográfica (o *Bericht*) não se confina ao âmbito da narrativa de salvação (a *Historia*). Este ensaio demonstra que a confusão entre convenções textuais e ansiedades modernas alimenta-se de uma concepção de texto abstrata e homogênea. A análise de textos como instâncias de um discurso pode detectar descontinuidades diacrônicas, mas tende a minimizar as contradições sincrônicas. Somente a investigação de formas materiais de produção e transmissão textual, do livro como um artefato cultural complexo, trouxe à tona o sentido dissonante da “modernidade” do livro de Staden.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 1972.

BAUER, Barbara. Naturphilosophie, Astronomie, Astrologie. In: BAUER, Barbara (Org.). *Melanchton und die Marburger Professoren*. Marburg, 2000. p. 310-335.

BROTON, Jerry. Printing the World. In: FRASCA-SPADA, Marina; JARDINE, Nick. *Books and the Sciences in History*. Cambridge: Cambridge university Press, 2000. p. 35-48.

BUISSERET, David. The Influence of Greece and Rome. In: _____. *The Mapmaker's Quest. Depicting New Worlds in Renaissance Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 10-28.

BYNUM, Caroline. Wonder. *The American Historical Review*, v. 102, p.1-26, 1997.

CAMPBELL, Mary Baine. Travel Writing and Ethnographic Pleasure. In: _____. *Wonder and Science. Imagining Worlds in Early Modern Europe*. Ithaca: Cornell University Press, 1999. p. 25-67.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Org.). *Writing Culture*. The Poetics and Politics of Ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986

GOLTWURM, Caspar. *Wunderwerck und Wunderzeichen Buch*. Frankfurt, 1557. [Museu Paulista]

DASTON, Lorraine. Baconian Facts, Academic Civility and the Prehistory of Objectivity. *Annals of Scholarship*, v. 8, p. 337-363, 1991.

_____. Factual Sensibility. *Isis*, v. 73, p. 452-467, 1988.

FINDLEN, Paula. Locating the Museum. In: _____. *Possessing Nature*. Museums, Collecting and Scientific Culture in Early Modern Italy. Berkeley: University of California Press, 1996. p. 17-150.

FRANCK, Sebastian. *Erst theil dieses Weltbuchs/von Newen erfundenen Landschafften*. Warhafftige Beschreibung aller theil deer Welt/darinn nicht allein etliche alte Landschafften/Koenigreich/Prouintzen Jnsulen/ auch fuernehme Stedt u Maerckte. Frankfurt a.M.: M. Lechler für Sigmund Feyerabend & Simon Hüter, 1567. [The New York Public Library *KB 1567].

GÂNDAVO, Péro de Magalhães. *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1984.

GENETTE, Gérard. *Figures II: essais*. Paris: Seuil, 1969.

GEERTZ, Clifford. *Works and Lives*. The Anthropologist as Author. Stanford: Stanford University Press, 1988.

GRAFTON, Anthony. Cartography and the Canon: Ptolemy. *New Worlds, Ancient Texts*. The Power of Tradition and the Shock of Discovery. Cambridge: Harvard University Press, 1992. p. 48-54.

HAKLUYT, Richard. *The Preface to the First Edition (1589)*. The Principal Navigations, Voyages & Discoveries of the English Nation. New York: Dutton, 1927.

HAMON, Philippe. Qu'est qu'une description? *Poétique: revue de théorie et d'analyse littéraires*, v. 12, p. 48-65, 1972.

JAHN, Bernhard. Raumstrukturen in den deutschsprachigen Amerikareiseberichten der Frühen Neuzeit. In: _____. *Raumkonzepte in der Frühen Neuzeit*. Zur Konstruktion von Wirklichkeit in Pilgerberichten, Amerikareisebeschreibungen und Prosaezählungen. Berlin: Lang, 1993. p. 249-251.

KÄSTNER, Hannes. Der Arzt und die Kosmographie. In: GRENZMAN, Ludger; STACKMANN, Karl (Org.). *Literatur und Laienbildung im Spätmittelalter und in der Reformationszeit*. Stuttgart, 1984. p. 507-543.

LÉRY, Jean de. *Histoire d'une voyage faite en la terre du Brésil (1580)*. Paris: Librairie Générale Française, 1994. Frank Lestringant. (Org.).

LIND, R. (Org.). *Pre-Vesalian Anatomy*. Biography, Translation, Documents. Philadelphia: Independence Square: The American Philosophical Society, 1975.

MARR, Alexander. Introduction. In: _____.; EVANS, R. J. W. (Org.). *Curiosity and Wonder from the Renaissance to the Enlightenment*. Aldershot: Ashgate, 2006. p. 1-20.

MÜNSTER, Sebastian. *Cosmographia*. Beschreibung aller Lender duorch Sebastianum Munsterum in woelcher begriffen. Aller woelcker/ Herrschafftenn/ Stetten/ vund namhafftiger flecken/ herkommen: Sitten/ gbreüch/ ordnung/ glauben/ secten/ vnd hantierung/ durch die gantze welt/ vnd fürnemlich Teütscher nation. // . Basel: Heinrich Petri, 1545 [The New York Public Library *KB1545].

NEUBER, Wolfgang. Humanistische Apodemik und volkssprachliche Reiseliteratur. In: _____. *Die neue Welt im europäischen Horizont*. Zur Topik der deutschen Reiseberichte der Frühen Neuzeit. Berlin: Schmidt, 1991. p. 58-108.

PARK, Katherine. Natural Particulars: Medical Epistemology, Practice, and the Literature of Healing Springs. In: GRAFTON, Anthony; SIRAISSI, Nancy (Org.). *Natural Particulars*. Nature and the Disciplines in Renaissance Europe. Cambridge: The MIT Press, 1999. p. 347-367.

_____.; DASTON, Lorraine. *Wonder and the Order of Nature*. New York: Zone Books, 1998.

PRATT, Mary Louise. Fieldwork in Common Places. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Org.). *Writing Culture*. Berkeley: University of California Press, 1986. p. 27-50.

RABELAIS, François. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1994.

RUCAHMER, Jobst. *Neue unbekante landte und ein neue weldte in kurtz vergangener zeythe erfunden*. Fac-símile da edição de 1508 impressa por Hans Stuchs, Nuremberg 1508. Stuttgart: Kümmerle, 1980.

SIRAIISI, Nancy. Physiological and Anatomical Knowledge. In: _____. *Medieval and Early Renaissance Medicine. An Introduction to Knowledge and Practice*. Chicago: Chicago University Press, 1999. p. 80-97.

STADEN, Hans. *Wahrhaftig Historia und beschreibung einer Landschafft der Wilden/Nacketen/Grimmigen Menschenfresser Leuthen/ in der Newenwelt gelegen*. Marburg: Andreas Kolbe, 1557. [The New York Public Library, *KB 1557].

STAGL, Justin. The Methodizing of Travel in the Sixteenth Century: A Tale of Three Cities. In: _____. *A History of Curiosity. The Theory of Travel 1550-1800*. Chur: Harwood Academic Publishers, 1995. p. 47-94.

VILLAS BÔAS, Luciana. “Wild Stories of a Pious Travel Writer. The Unruly Example of Hans Staden’s *Wahrhaftig Historia* (Marburg 1557)”, *Foreign Encounters: Case Studies in GERman Literature Before 1700*, editado por Mara R. Wade e Glenn Ehrstine, na revista *Daphnis. Zeitschrift für Mittlere Deutsche Literatur und Kultur der Frühen Neuzeit* (1400-1750), número 33, caderno 1-2, 2004, p. 187-212.

WESTMAN, Robert. The Astronomer’s Role in the 16 Century: A Preliminary Study. *History of Science*, v. 18, p. 104-135, 1980.

Recebido em 18 de agosto de 2009

Aprovado para publicação em 30 de Setembro de 2009